

126ª
EDIÇÃO

Outubro de 2026
revistarenascer.com

PRIMEIRO DE OUTUBRO
SANTIDADE
REVISTA SANTIADA RENASCER

R E V I S T A

Renascer

De mão em mão A fé que chegou até Timóteo

Kátia Regina S. Martins



CAFÉ TEOLÓGICO:
"Por que 31 de
outubro importa?"
Marcelo de Freitas

ENTREVISTA:
"O professor que a
gente nunca esquece"
Professora Tayná Pires

RECEITA DE CASA:
"Empada com
gosto de história"
Cleide Lucia Pires

11º CONGRESSO TRANSFORMADAS

Santidade

separadas para Deus, transformadas pela presença.

PARTICIPAÇÃO:
ANA NÓBREGA - PR GILBERTO ARAÚJO
PRA KEILA VÍLASBOAS - PRA NOEME TORRES

13 E 14 DE NOVEMBRO DE 2026

Igreja Batista Renascer
Rua 208, nº364, Leste Vila Nova

MULHERES

DIZIMOS E OFERTAS



No aplicativo do seu banco, escaneie o QR-Code ao lado.

PIX Igreja Batista Renascer
03.954.904-0001/44

	AG. 2747 C/C 37.817-8
	AG. 4384 C/C 41.279-9
	AG. 2256 C/C 1079-9 OP.003
	AG. 4148-3 C/C 106.000-7
	AG. 3300 C/C 18348-2

ÍNDICE

04 | Carta da Editora:
O que chegou até minhas mãos?

05 | Receita de Casa:
Empada com gosto de história
Cleide Lucia Pires

06 | Novos Dilemas:
Quem roubou o tempo de brincar?
Aryana Lobo

07 | Café Teológico:
Porque 31 de outubro importa?
Marcelo de Freitas

08 | Visão de Mercado:
Sua empresa sobreviveria sem você?
Juvêncio Lessa

09 | O que leio, ouço e oro

10 | Capa:
De mão em mão – A fé que chegou até Timóteo
Kátia Regina S. Martins

12 | Por Dentro e por Fora:
A música que a memória não esquece
Hidequel Firmino

13 | Querida Amiga:
Você ensina mesmo quando não percebe
Gabryela dos Reis Câmara Silva

14 | Palavra Pastoral:
Quando Deus agita o ninho
Pr. João Queiroz

16 | ENTREVISTA - Professora Tayná Pires
O professor que a gente nunca esquece

17 | Para Edificar a sua fé:
Quando o medo encontra a fé
Cleide Azevedo

18 | Histórias & Afins:
Portas abertas nas fronteiras: o segredo da mala
Anibal Filho

REVISTA
Renascer

Expediente:

Presidente: João Queiroz

Editora Responsável:
Marina Oliveira Lopes Coelho

Diagramação:
Thierry Wilhans Alcântara

Revista online:
Vinícius de Carvalho Santos

Página Amarela: Anibal Filho

Impressão: Flex Gráfica
Tiragem: 1000 exemplares
Site: revistarenascer.com
Instagram: @revistarenasceribr

ZAION PUBLICIDADE E EDITORA
CNPJ: 38.418.192/0001-23
Rua 208 com 9ª Avenida, 364,
Setor Leste Vila Nova
CEP: 74563-220
Goiânia – Goiás – Brasil
Site: agenciazaion.com.br
Instagram: @agenciazaion

Acesse o QR code para ler as
matérias em inglês, espanhol e
francês:



Carta da Editora

O QUE CHEGOU ATÉ MINHAS MÃOS?

A minha história não começou dentro de um lar cristão e eu não cresci ouvindo sobre Deus dentro de casa. Na minha infância e adolescência não tive a oportunidade de conhecer a verdade como a conheço hoje. Foi somente na vida adulta que Deus me alcançou, me separou e me escolheu. Depois de muito tempo descobri algo que me tocou profundamente: antes mesmo de eu conhecer a Cristo, já existiam pessoas orando e intercedendo por mim. Isso me faz pensar em como a fé pode chegar até nós de maneiras diferentes. Algumas pessoas são alcançadas na fase adulta, depois de muitos caminhos, perguntas e experiências, como foi o meu caso. Outros recebem, ainda muito cedo, aquilo que só mais tarde compreenderão em toda a sua profundidade. E talvez muitos nem percebam, naquele momento, o tamanho do presente que têm nas mãos. A verdade é que ter pais, avós ou pessoas próximas que apresentem Jesus Cristo, significa que existe uma verdade sendo semeada, uma referência sendo construída e uma fé sendo apresentada antes mesmo que aquela criança compreenda completamente o valor do que está recebendo.

Justamente por eu não ter vivido isso na infância, eu consigo olhar para essa oportunidade com ainda mais atenção. Porque há coisas que só reconhecemos como herança quando entendemos o quanto seria precioso tê-las recebido antes. E foi exatamente pensando nisso que esta edição nasceu. A nossa matéria de capa nos leva até a história de Loide, Eunice e Timóteo. Uma fé que passou de mão em mão até alcançar uma nova geração. Quando Paulo recorda a fé sincera que primeiro habitou na avó e na mãe de Timóteo, somos lembrados de uma verdade muito simples e, ao mesmo tempo, profunda: o Evangelho também chegou até nós porque alguém decidiu não guardar para si aquilo que havia recebido. Essa reflexão me fez olhar para as minhas próprias mãos. O que chegou até elas e como Deus foi misericordioso comigo! E, principalmente, o que estou fazendo com aquilo que recebi? Porque toda herança também carrega uma responsabilidade. Na entrevista desta edição, “O professor que a gente nunca esquece”, essa ideia aparece de outra forma. Há professores que permanecem em nossa memória não apenas pelo conteúdo que ensinaram,

mas porque disseram uma palavra no momento certo, enxergaram uma possibilidade de que ninguém mais havia percebido ou simplesmente nos fizeram sentir capazes. São marcas que atravessam anos. E isso também conversa com a nossa Querida Amiga. Quantas vezes ensinamos sem perceber? A nossa maneira de reagir, tratar as pessoas, atravessar dificuldades, pedir perdão, recomeçar e viver a fé pode se tornar referência para alguém que está caminhando perto de nós. No Café Teológico, ao revisitarmos o significado do dia 31 de outubro e da Reforma Protestante, somos lembrados de que o acesso que hoje temos às Escrituras também chegou até nossas mãos por meio da coragem e do posicionamento de pessoas que vieram antes de nós. Por isso, a pergunta que quero deixar para você ao abrir esta edição é: o que chegou até as suas mãos? E mais: que valores você recebeu? Que palavras ainda carrega? Quem ensinou você a orar? Quem mostrou, por meio da própria vida, o que significa permanecer? Que histórias, experiências e exemplos ajudaram a formar quem você é hoje? Também quero deixar uma segunda pergunta ainda

mais importante: o que sairá das suas mãos para alcançar aqueles que vêm depois de você? O fato é que nem sempre teremos dimensão do alcance daquilo que estamos construindo hoje, e é assim que muitos legados começam: sem anúncio, sem aplausos e, quase sempre, no cotidiano. Por isso, nesta edição, o meu convite é que você leia cada página também olhando para a sua própria história. Reconheça com gratidão aquilo que chegou até você, preserve o que tem valor eterno e tenha coragem de transmitir adiante aquilo que não pode terminar na sua geração. Porque aquilo que hoje está em nossas mãos, amanhã poderá estar nas mãos de alguém que ainda nem imaginamos. Aproveite esta edição!



Marina Oliveira Lopes Coelho
Editora-chefe - Revista Renascer | Edição nº 126

Foto Arquivo Pessoal

EMPADA COM GOSTO DE HISTÓRIA

Desde a infância, sempre tive grande apreço pela cozinha. Adorava brincar de “cozinhadinha” e, com o passar dos anos, essa brincadeira acabou se tornando uma parte importante da minha vida. Mais tarde, precisei assumir de fato as responsabilidades da cozinha de casa, especialmente quando minha mãe adoeceu e passei a cuidar dessas tarefas no dia a dia.

Quando me mudei para Goiânia, trabalhei em outros segmentos, mas a cozinha continuou presente na minha rotina. Em casa, sempre gostei de preparar receitas diferentes, inclusive algumas tradicionais da família, bastante antigas e passadas de geração em geração. A empada é uma delas.

Recebi essa receita de uma pessoa muito próxima da família e, desde então, nunca deixei de prepará-la para meus familiares. Quando comecei a atuar profissionalmente no ramo da alimentação, trabalhei inicialmente com outros tipos de produtos, enquanto as empadas continuavam sendo feitas exclusivamente em casa, para consumo da família.

Com a chegada da pandemia, percebemos a necessidade de diversificar os nossos produtos, especialmente para atender à procura por opções de lanches rápidos, que passou a ser uma solicitação frequente dos nossos clientes. Foi então que decidimos começar a produzir as empadas também para comercialização. Desde então, graças a Deus, continuamos produzindo até hoje. É muito gratificante perceber o carinho e a preferência dos nossos clientes, que apreciam cada vez mais esse produto que, para nós, carrega não apenas sabor, mas também uma história de família, tradição e afeto. Vamos então para a receita?



EMPADA

Massa Ingredientes:

- 1 kg de farinha de trigo
- 1 colher (sopa) de sal
- 1 colher (sopa) de açúcar
- 1 copo americano (200 mL) e ¼ de óleo
- 3 ovos
- 1 cabo de garfo de fermento em pó
- Leite até dar o ponto

Modo de preparo:

Junte os ingredientes secos e os ovos e misture bem. Em seguida, vá acrescentando o leite aos poucos, até dar o ponto da massa. Amasse bem.

Recheio Ingredientes:

- 1 cebola picada bem miúda
- 1 colher de alho bem amassado
- 1 copo americano (200 mL) e ½ de óleo
- 600 g de extrato de tomate
- 2,5 L de água
- Azeitona verde a gosto
- Ervilha a gosto
- Sal a gosto
- 4 peitos de frango cozidos e desfiados
- Em média, 4 copos de farinha de trigo diluídos em 1 L de água

Modo de preparo:

1. Frite o alho e a cebola no óleo. Acrescente o extrato de tomate,

mexa um pouco e, em seguida, coloque a água.

2. Adicione a azeitona e o sal e deixe ferver. Depois, acrescente o frango desfiado e deixe ferver novamente.
3. Engrosse o recheio com a farinha de trigo diluída em água e deixe cozinhar até atingir a consistência desejada.
4. Retire do fogo, acrescente a ervilha e misture bem.



Foto Arquivo Pessoal

Cleide Lucia Pires
Contatos: (62) 9 8531-2078 / (62) 3229-3538
@cleidetortasgyn

QUEM ROUBOU O TEMPO DE BRINCAR

A infância contemporânea está cercada de compromissos, cursos, tarefas, estímulos digitais e uma agenda que, muitas vezes, se parece com a de um adulto. Entre uma atividade e outra, sobra cada vez menos espaço para algo que parece simples, mas é profundamente necessário: brincar.

Pela perspectiva da Neuropedagogia, brincar não é tempo perdido. É tempo de construção cerebral. Enquanto brinca, a criança experimenta possibilidades, cria hipóteses, resolve problemas e exercita a atenção, a memória de trabalho, a linguagem e as funções executivas. Ao inventar uma história, negociar regras ou transformar uma caixa em uma casa, ela aprende a planejar, flexibilizar o pensamento e lidar com frustrações. O brincar também favorece a autorregulação emocional, porque oferece um espaço seguro para expressar sentimentos e experimentar diferentes formas de lidar com eles.

Na Psicopedagogia, entendemos que a aprendizagem acontece de maneira mais significativa quando a criança participa ativamente, estabelece relações e encontra sentido no que faz. Nesse contexto, a brincadeira espontânea funciona como um laboratório natural de aprendizagem: amplia a criatividade, fortalece a autonomia, estimula a socialização e desenvolve competências que também serão importantes na vida escolar.

Isso não significa que toda atividade estruturada seja prejudicial ou que a tecnologia seja inimiga. O problema surge quando a agenda fica tão cheia e as telas ocupam tanto espaço que a criança deixa de ter tempo para criar, movimentar-se, conversar, imaginar e até experimentar o ócio. A ciência do desenvolvimento infantil também reforça a importância de experiências diversificadas e de relações responsivas com os adultos. Brincar com outras pessoas ensina a esperar, compartilhar, negociar, perder, tentar novamente e reconhecer o ponto de vista do outro. São aprendizagens emocionais que não cabem em uma tela. Além disso, a brincadeira ativa e o movimento contribuem para o desenvolvimento motor e ajudam a construir uma rotina mais equilibrada.

Há ainda uma dimensão espiritual que não podemos ignorar: a infância é uma fase que precisa ser respeitada. A Bíblia nos lembra que há tempo para cada propósito (Eclesiastes 3:1). A criança precisa de tempo para aprender, mas também de tempo para brincar; precisa de orientação, mas também de liberdade para descobrir.

E o que os pais podem fazer na prática? Um primeiro passo é revisar a agenda e compreender que nem toda oportunidade precisa ser aproveitada. Também é importante criar, diariamente, momentos sem telas, com espaço para a brincadeira livre. Materiais simples, como papel, blocos,

massinha, livros, fantasias ou elementos da natureza, podem estimular a criatividade sem determinar o que a criança deve produzir.

Sempre que possível, vale ainda brincar junto, não para controlar a brincadeira, mas para entrar no universo da criança. Da mesma forma, estabelecer limites consistentes para o uso de telas ajuda a preservar o sono, o movimento, a convivência familiar e as experiências presenciais.

A pergunta que fica é necessária: em meio a tantas atividades, notificações e telas, ainda estamos permitindo que as nossas crianças tenham tempo para simplesmente ser crianças?

Talvez devolver o brincar à infância seja uma das formas mais bonitas de proteger o desenvolvimento, fortalecer vínculos e preparar os nossos filhos para a vida. Porque brincar é uma das maneiras mais potentes de aprender a ser.

Foto Arquivo Pessoal



Aryana Lobo
Neuropedagoga, Psicopedagoga, mentora familiar, membro da Igreja Batista Renascer.
@aryanalobo_mentoria

POR QUE 31 DE OUTUBRO IMPORTA?

“Mas o justo viverá da fé” (Hebreus 10:38).

Esse versículo, que faz referência ao texto do profeta Habacuque (Hc 2:4), incomodava a mente do monge católico Martinho Lutero. Para ele, não fazia sentido que um homem pecador pudesse conseguir se justificar diante de Deus, que é puramente santo.

A partir dessa reflexão, Lutero entendeu que a salvação e a justificação não eram alcançadas por obras, nem pelo pagamento de penitências ou pela compra de indulgências (promessa de perdão dos pecados mediante pagamento financeiro à Igreja de Roma), mas, sim, como um presente gratuito de Deus, recebido unicamente por meio da fé.

Foi nesse contexto que o dia 31 de outubro de 1517 entrou para a história. Naquela data, Martinho Lutero afixou suas 95 Teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha, marcando o início da Reforma Protestante. Esse foi um dos acontecimentos mais marcantes da história da Igreja e da civilização ocidental. Inicialmente, o seu objetivo era promover um debate sobre práticas que haviam se distanciado dos ensinamentos

bíblicos, em especial a venda de indulgências.

Na Europa do século 16, a Igreja de Roma exercia forte influência espiritual e política, mas, ao mesmo tempo, enfrentava uma profunda crise moral e doutrinária. Além disso, o acesso à Bíblia era extremamente restrito, já que somente os líderes religiosos que compreendiam o latim podiam entender as Escrituras.

Nesse cenário de frieza espiritual e de regras humanas em conflito com a Palavra de Deus, Lutero e outros reformadores resgataram verdades fundamentais das Escrituras. Essas verdades foram resumidas nos pilares conhecidos como Cinco Solas: somente a Escritura (Sola Scriptura), somente a Fé (Sola Fide), somente a Graça (Sola Gratia), somente Cristo (Solus Christus) e somente a Deus a Glória (Soli Deo Gloria). Entretanto, um dos maiores legados da Reforma foi reafirmar o acesso direto à Palavra de Deus e redescobrir a salvação como dádiva gratuita do Senhor: a Graça. Quando traduziu a Bíblia para o alemão, idioma do seu povo, Martinho Lutero devolveu aos

cristãos a autonomia de ler, compreender e examinar a verdade bíblica. Assim, a fé não precisava mais ser mediada por rituais de sacerdotes, mas voltava a fundamentar-se no relacionamento pessoal com Deus.

Por isso, atualmente, o dia 31 de outubro não representa apenas uma recordação do passado. Ele também se torna um chamado à responsabilidade solene: valorizar o livre acesso às Escrituras, dedicar-nos ao estudo diligente da Palavra e comunicar às próximas gerações o valor da salvação em Jesus Cristo.

Foto Arquivo Pessoal



Marcelo de Freitas
Professor de História, corretor e avaliador de imóveis.
Pastor auxiliar na Igreja Batista Renascer.

SUA EMPRESA SOBREVIVERIA SEM VOCÊ?

Férias postergadas, folgas suprimidas, presença constante em todas as decisões, necessidade de sempre dar a palavra final e outros cultos ao “ego” do gestor acabam reforçando a ideia de que a empresa “sou eu”. Sim, uma parte considerável de executivos, fundadores, empreendedores e profissionais que alcançam posições de destaque em empresas e organizações sociais enfrenta uma dificuldade recorrente: delegar.

O problema é que essa cultura, que pouco tem de organizacional, enfraquece a mentoria, adia a sucessão e afasta talentos que passam a conviver com um permanente choque de gerações. Nesse ambiente, também é comum a ausência de um programa claro de carreira e desenvolvimento.

A verdade é que quando falta direção e não existe uma liderança harmoniosa, capaz de formar novos líderes e preparar sucessores, as consequências aparecem rapidamente: fuga de talentos, dificuldade para reter os que permanecem e pouca atratividade para novos colaboradores.

Ao mesmo tempo, processos informais acabam concentrados nas mãos de poucas pessoas, geralmente aquelas que aprenderam “a pensar como o dono” e “vestem a camisa”. Enquanto essas pessoas estão presentes, a operação pode até parecer funcionar bem. O problema surge quando há uma ausência, uma transferência, um desligamento, uma morte ou qualquer outro imprevisto envolvendo alguém considerado peça-chave em uma

unidade, filial, departamento ou na própria empresa.

É justamente nesses momentos que se torna evidente a falta de uma cultura organizacional sólida e de processos bem definidos. De fato, não podemos negar que sem processos claros, a entrega de produtos e serviços começa a sofrer com disfunções, anormalidades e desvios em relação ao padrão que, até então, era garantido muito mais por pessoas específicas do que por uma estrutura organizada e replicável.

Durante boa parte do século passado, muitas mudanças aconteciam em doses mais lentas, permitindo maior tempo para ajustes e correções de rumo. Hoje, porém, a realidade é outra. Na era da inteligência artificial, dos agentes autônomos e dos algoritmos, as transformações são constantes, robustas e, muitas vezes, difíceis de acompanhar. Por isso, quem está no controle do negócio há muitos anos precisa reconhecer que experiência, embora essencial, já não é suficiente por si só para garantir o futuro da empresa. O que trouxe o negócio até aqui pode não ser capaz de levá-lo adiante nas mesmas condições.

Diante dessa nova realidade, equilíbrio, clareza de direção e alinhamento de todo o time tornam-se ainda mais importantes. O primeiro passo é justamente compreender que a perpetuidade da empresa não pode depender de uma única pessoa. A partir daí, algumas decisões se tornam fundamentais: estabelecer um plano de carreira, investir

em mentoria, documentar processos e criar ambientes em que conhecimento, responsabilidade e liderança possam ser compartilhados.

Também é necessário aproximar gerações. Unir a experiência de profissionais que conhecem profundamente o negócio à visão de uma nova geração cada vez mais conectada, digital e familiarizada com novas tecnologias pode ser uma das estratégias mais importantes para manter a empresa relevante e preparada para as transformações que ainda virão.

No fim, uma empresa verdadeiramente sólida não é aquela em que o gestor precisa estar presente em todas as decisões. É aquela que possui processos, pessoas preparadas e uma cultura suficientemente forte para continuar funcionando, crescendo e se adaptando mesmo quando ele não está por perto.

Talvez, então, a pergunta mais importante não seja apenas se você consegue conduzir bem a sua empresa hoje, mas se está preparando-a para continuar existindo amanhã sem depender exclusivamente de você.



Juvêncio Lessa
Administrador, MBA FGV, Diretor no
Shopping dos Cosméticos

O QUE LEIO, OUÇO E ORO

Há coisas que chegam até nós como presente e, ao mesmo tempo, como responsabilidade. A fé é uma delas. Ela pode ter sido ensinada por pais, avós, líderes ou pessoas que Deus colocou em nosso caminho, mas não foi feita para parar em nós. Nesta edição, o convite é reconhecer com gratidão aquilo que recebemos e pensar no que estamos fazendo para que essa fé continue viva nas próximas gerações. Confira as indicações deste mês:

PARA LER:

Seu Legado de Fé
Autor: Dr. James Dobson
(192 páginas)



A indicação deste mês é Seu Legado de Fé, uma obra voltada à família e à transmissão da fé às próximas gerações. O livro propõe justamente a reflexão sobre como construir uma fé relevante na vida dos filhos e como transformar aquilo que cremos em um legado que possa continuar depois de nós. É uma leitura que conversa diretamente com a história de Loide, Eunice e Timóteo e com a pergunta central desta edição: que fé estamos deixando nas mãos de quem vem depois? A obra está disponível no mercado cristão brasileiro pela CPAD.

PARA OUVIR:

Música:
A Bênção
Gabriel Guedes e Nívea Soares



A canção A Bênção combina de maneira especial com o tema desta edição porque aponta para uma bênção que não termina em uma única pessoa, mas alcança filhos e futuras gerações. É uma música para ouvir pensando na família, nas sementes de fé que estão sendo plantadas hoje e no desejo de que a presença de Deus continue sendo conhecida por aqueles que virão depois de nós.

VERSÍCULO PARA O MÊS DE OUTUBRO:

“Lembro da sua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em sua avó Loide e em sua mãe Eunice, e estou certo de que habita também em você.” (2 Timóteo 1:5).

ORAÇÃO:

“Senhor, obrigada pela fé que chegou até mim e por cada pessoa que o Senhor usou para me aproximar de Ti. Ajuda-me a não guardar apenas para mim aquilo que recebi. Que minhas palavras, escolhas e atitudes revelem uma fé verdadeira e que a minha vida plante sementes que alcancem outras pessoas e as próximas gerações. Que aquilo que chegou às minhas mãos continue seguindo adiante para a Tua glória. Amém.” presença em minha vida. Que eu reconheça, todos os dias, que tudo o que sou e tenho vem de Ti. Amém.”

DE MÃO EM MÃO

A fé que chegou até Timóteo

“Recordo-me da sua fé não fingida, a mesma que, primeiramente, habitou em sua avó Loide e em sua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em você.” (2 Timóteo 1:5).

Falar de fé geracional é falar de algo que não começa apenas em grandes acontecimentos, mas, muitas vezes, dentro de casa, nas pequenas atitudes, nas palavras repetidas ao longo dos anos e no exemplo observado de perto. Foi assim na história de Timóteo.

Ao escrever ao jovem discípulo, o apóstolo Paulo faz questão de lembrar que a fé que havia nele não surgiu de forma isolada. Antes de chegar a Timóteo, ela já havia habitado em sua avó Loide e em sua mãe Eunice. Era uma fé transmitida de geração em geração, preservada dentro de uma família sujeita, como tantas outras, a alegrias, tristezas, adversidades e desafios.

A Bíblia não apresenta muitos detalhes sobre a vida de Loide, mas aquilo que registra é suficiente para revelar a profundidade de sua influência. Ela carregava uma fé sincera, genuína e viva. Essa fé não permaneceu apenas em seu coração. Foi compartilhada com a sua filha, Eunice, que também a recebeu, cultivou e transmitiu. Assim, dentro da fé de Loide, Eunice foi ensinada, fortalecida e preparada. Mais tarde, aquilo que havia recebido também alcançaria Timóteo. Esse movimento mostra que a fé pode percorrer gerações quando encontra corações dispostos a preservá-la.

Loide e Eunice ensinaram Timóteo a andar nos caminhos do Senhor desde a infância. Por meio desse cuidado espiritual, participaram da formação de alguém que se tornaria um dos importantes líderes da Igreja Primitiva. Ao lado do apóstolo Paulo, Timóteo serviria comunidades cristãs em um período marcado por perseguições, idolatria e doutrinas contrárias aos princípios de Deus.

Nada disso começou em um púlpito. Antes de Timóteo se tornar líder, houve um lar. Antes de ele ensinar outras pessoas, houve mulheres que o ensinaram. Antes

de ele servir comunidades, houve uma fé sendo cultivada dentro de casa. É justamente isso que torna a história de Loide tão significativa. Ela não precisou de títulos ou posições de destaque para exercer uma influência que atravessaria gerações. Na simplicidade do cotidiano, ensinou a Palavra de Deus com amor, paciência, lealdade, retidão e temor. Sua fé não era apenas falada. Era vivida.

E talvez esse seja um dos maiores ensinamentos dessa história: não importa apenas o quanto se fala sobre fé, mas como ela é demonstrada no dia a dia. Preservar o legado da aliança significava aproveitar as oportunidades comuns da vida para ensinar. Histórias sobre Abraão, Moisés, Davi e os profetas podiam ser compartilhadas. Momentos de oração, refeições em família e celebrações se transformavam em ocasiões para formar caráter e transmitir valores.

Dessa forma, a fé deixava de ser apenas um conteúdo aprendido e passava a fazer parte da vida. Loide mantinha acesa a chama da fidelidade à Palavra de Deus, e Eunice deu continuidade a esse legado. Depois, aquilo que havia sido semeado encontrou espaço no coração de Timóteo.

É possível enxergar nessa história a verdade de Provérbios 22:6: *“Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.”* Loide e Eunice mostram que a fé real começa em casa, é cultivada no coração e se manifesta no caráter. Ela pode parecer, no início, uma pequena semente, mas, quando plantada e cuidada, tem poder para crescer, florescer, transformar e alcançar vidas muito além da geração que a recebeu primeiro.

Por isso, a história dessa família também provoca uma reflexão necessária para os dias de hoje: que tipo de fé filhos e netos estão enxergando dentro de casa? Mais do que discursos, eles observam reações, escolhas, prioridades, ati-

tudes e a maneira como os adultos enfrentam os dias bons e os difíceis. A fé que será lembrada amanhã começa a ser vista hoje.

Em um tempo em que tantos valores se perdem com rapidez, transmitir a fé se torna também um ato de responsabilidade. Isso não significa construir famílias perfeitas, mas lares onde Deus seja conhecido não apenas pelo que se diz sobre Ele, mas pelo modo como se vive diante d'Ele. E existe uma boa notícia: esse legado também pode começar agora.

Mesmo quem não recebeu uma herança de fé pode, em Jesus, iniciar uma nova história. É possível ser a primeira pessoa de uma família a levantar um altar de oração, comunhão e adoração. É possível plantar hoje aquilo que filhos, netos e outras gerações poderão colher amanhã. Foi assim com Loide. Sua fé não terminou nela. Passou para Eunice, alcançou Timóteo e continuou produzindo frutos.

De mão em mão, de coração em coração, a fé atravessou gerações. E talvez esse seja um dos maiores legados que alguém pode deixar: uma vida que aponta para Deus de forma tão verdadeira que continua falando mesmo depois de muitos anos.



Kátia Regina S. Martins

Pastora, educadora e terapeuta cristã, com formação em Pedagogia, Tanatologia e Terapia Cristã. Aposentada da Polícia Federal e pastora da Igreja Batista Renascer, onde atua como coordenadora de cursos e integra a equipe de treinadores da CNN / UDF – Curso Mulher Única. Contato: (62) 98238-7030

A MÚSICA QUE A MEMÓRIA NÃO ESQUECE

Existem músicas que fazem parte da nossa vida de uma maneira tão profunda que, mesmo depois de muitos anos, continuam presentes em nós. Basta ouvir os primeiros acordes de uma canção para que uma lembrança apareça, uma emoção seja despertada ou uma história volte a ser contada. Às vezes, não nos lembramos do nome de uma pessoa, de uma data ou de um acontecimento, mas reconhecemos a música que fez parte daquele momento. É como se a canção guardasse um pedaço da nossa história.

A música nos acompanha em diferentes fases da vida: na infância, na adolescência, nos relacionamentos, nas festas, nas celebrações religiosas e nos momentos importantes em família. Algumas canções nos remetem a pessoas que amamos, a lugares onde vivemos e a experiências que ajudaram a construir quem somos. Por isso, quando ouvimos uma música significativa, não estamos apenas escutando sons. Muitas vezes, estamos reencontrando partes da nossa própria história. É justamente nessa relação entre música, memória e vínculos que a musicoterapia encontra um importante caminho de cuidado. Ela utiliza experiências musicais de forma planejada e individualizada, considerando as necessidades, possibilidades, preferências e a história de cada pessoa. No atendimento a idosos, especialmente aqueles que apresen-

tam doenças neurodegenerativas, a música pode favorecer a estimulação cognitiva, a expressão de emoções, a comunicação e a interação. Em alguns atendimentos, observamos algo que chama bastante a atenção: uma pessoa que apresenta dificuldades para se lembrar de acontecimentos recentes consegue reconhecer uma canção familiar, acompanhar sua melodia ou cantar trechos de uma música que fez parte de sua vida. Isso não significa que a música elimine as dificuldades de memória ou que todas as lembranças estejam preservadas. Significa, porém, que a experiência musical pode oferecer uma possibilidade de participação e expressão que merece ser valorizada.

Na prática musicoterapêutica, o repertório não é escolhido de maneira aleatória. Procuramos conhecer a história da pessoa, suas preferências, os ambientes onde viveu, as músicas que costumava escutar e as experiências que tiveram significado ao longo de sua vida. A partir disso, uma canção pode ser utilizada para estimular a memória musical, a atenção, a linguagem, a coordenação motora ou a orientação. Em outros momentos, pode simplesmente favorecer uma experiência de prazer, acolhimento e conexão com o outro.

Além do cuidado individual, a música também pode aproximar gerações. Uma canção cantada pelos pais pode ser aprendida pelos filhos e, depois, pelos netos. Um hino religioso, uma cantiga ou uma música

popular pode atravessar décadas, mantendo vivas histórias e vínculos familiares. Quando compartilhamos uma música com alguém, compartilhamos também uma parte de nós. Portanto, cuidar por meio da música é reconhecer que cada pessoa possui uma história que merece ser ouvida. É compreender que, mesmo diante das limitações impostas pelo envelhecimento ou por uma doença, continuam existindo possibilidades de sentir, participar, comunicar e estabelecer vínculos.

Algumas músicas não apenas ouvimos. Elas passam a fazer parte de quem somos. E, quando a memória encontra dificuldade para trazer certas lembranças de volta, uma canção significativa pode abrir um caminho para a expressão, para o encontro e para a continuidade da história de cada pessoa.

Foto Arquivo Pessoal



Hidequel Firmino
Musicoterapeuta, especializado no atendimento a pessoas idosas e doenças neurodegenerativas.
@hidequel_musicoterapeuta

VOCÊ ENSINA MESMO QUANDO NÃO PERCEBE

Querida amiga, Sabe de uma coisa que talvez a gente demore muito para perceber? Nós estamos ensinando o tempo todo. E não estou falando apenas daqueles momentos em que damos um conselho, contamos alguma experiência ou tentamos ensinar alguma coisa de forma intencional. Muitas vezes, amiga, é justamente quando pensamos que ninguém está prestando atenção que estamos deixando as lições mais profundas.

Alguém observa como você reage quando é contrariada. Percebe o que você faz quando recebe uma notícia que não esperava. Nota a forma como você trata quem pode fazer alguma coisa por você e, principalmente, quem não pode. E tem mais. Alguém também pode estar olhando para a maneira como você fala do próximo quando ele não está presente, como enfrenta aquilo que não consegue controlar e como se levanta depois de um dia difícil. Talvez até observe a forma como você ora. Já pensou nisso?

É curioso imaginar que podemos ser referência para alguém sem sequer saber. Uma filha aprende sobre coragem enquanto vê a mãe enfrentar suas próprias inseguranças. Um filho pode compreender responsabilidade observando pequenas atitudes dentro de casa. Uma amiga pode descobrir que é possível recomeçar simplesmente porque viu você recomeçando. E aquele gesto que pareceu tão peque-

no para você? Talvez tenha ensinado generosidade a alguém. Talvez uma palavra dita no momento certo tenha devolvido esperança. Talvez um pedido de perdão tenha mostrado que a humildade não diminui ninguém. É assim que a influência acontece, amiga. Ela nem sempre chega anunciada. Às vezes, está escondida em uma conversa rápida, em uma porta que você segurou, em um abraço, em uma decisão difícil ou naquela escolha silenciosa de continuar fazendo o que é certo quando seria muito mais fácil desistir. Por isso, tenho pensado que a nossa vida fala antes mesmo da nossa boca. E aí vem uma pergunta que também faço a mim mesma: o que as pessoas têm “ouvido” quando olham para nós? Calma, amiga. Não estou falando de perfeição. Na verdade, talvez uma das coisas mais bonitas que podemos ensinar seja justamente a coragem de não fingirmos que somos perfeitas. Quando erramos e reconhecemos nosso erro, ensinamos humildade. Quando pedimos perdão, mostramos que os relacionamentos valem mais do que o orgulho. Quando precisamos começar outra vez, mostramos que uma fase difícil não precisa definir toda a nossa história.

E quando esperamos em Deus sem compreender exatamente o que Ele está fazendo? Talvez seja aí que ensinemos uma das lições mais profundas sobre a fé. Porque fé não é ter todas as respostas. É continuar confiando

mesmo quando elas ainda não chegaram. Nem sempre saberemos o impacto das nossas atitudes. Talvez nunca descubra que alguém encontrou forças olhando para a sua caminhada. Talvez você nem perceba que sua maneira de enfrentar uma dificuldade ensinou outra pessoa a não desistir.

Por isso, amiga, vale prestar atenção não apenas no que ensinamos quando queremos ensinar, mas também naquilo que a nossa forma de viver comunica todos os dias. Nossa história não precisa ser perfeita para ser significativa. Ela precisa ser verdadeira.

Então, que as nossas escolhas falem. Que nossas atitudes confirmem aquilo que dizemos. E que a nossa vida, até nos detalhes mais simples, ensine fé, coragem, humildade, graça e amor. Porque, mesmo sem perceber, sempre existe alguém aprendendo um pouco com a maneira como escolhemos viver.

Com carinho,
Sua amiga.

Foto Arquivo Pessoal



Gabryela dos Reis Câmara Silva
Esposa, mãe, neuropsicopedagoga e pastora da Igreja Batista Renascer
@gaby_neuropsi

QUANDO DEUS AGITA O NINHO

“Como a águia que desperta a sua ninhada, paira sobre os filhotes e depois estende as asas para apanhá-los, levando-os sobre elas. O Senhor sozinho o levou.” (Deuteronômio 32:11-12).

Deus, em sua infinita sabedoria e cuidado, muitas vezes nos encontra em lugares que jamais escolheríamos estar. Há momentos em que a vida parece uma região árida, um deserto cercado por ventos fortes, incertezas e situações que não conseguimos compreender. Ainda assim, é justamente nesses lugares que Deus nos guarda como a menina dos seus olhos. Ele nos protege, cuida de nós e, ao mesmo tempo, prepara-nos para crescer. A imagem apresentada em Deuteronômio é muito significativa. Deus é comparado à águia que cuida dos seus filhotes, paira sobre

eles e os prepara para o momento em que precisarão deixar o ninho. Existe cuidado, mas também existe preparação. Existe proteção, mas também chega o momento do voo. Tudo começa no ninho. É nele que recebemos os primeiros cuidados, aprendemos, somos alimentados e encontramos segurança. Da mesma maneira, os ambientes em que crescemos ajudam a formar os nossos pensamentos, valores e caráter. Por isso, não podemos desprezar o ninho. Mas, o problema começa quando aquilo que deveria ser um

lugar de formação se transforma em um lugar de acomodação. Há momentos em que queremos permanecer onde tudo já é conhecido, onde dominamos as situações e não precisamos enfrentar o risco do novo. O ninho parece confortável porque ali sabemos como as coisas funcionam. Entretanto, permanecer nele para sempre significaria nunca descobrir a capacidade de voar. É justamente nesse ponto que, muitas vezes, Deus permite que algumas coisas sejam agitadas ao nosso redor. De repente, aquilo que parecia estável muda. Pode chegar uma demissão, uma crise familiar, uma porta que se fecha, um relacionamento que passa por dificuldades ou um desafio que nunca imaginávamos enfrentar. Situações assim podem nos causar desconforto e até nos fazer perguntar: “Deus, por que isso está acontecendo comigo?” Nem sempre conseguimos compreender imediatamente. Contudo, aquilo que enxergamos apenas como desconforto pode também estar nos conduzindo para um novo tempo de crescimento. Há períodos em que Deus permite que o nosso “ninho” seja agitado porque já não podemos permanecer no mesmo lugar. Não porque Ele deixou de cuidar de nós, mas justamente porque conhece aquilo que ainda podemos nos tornar. Assim como o filhote precisa sair da segurança do ninho para experimentar o voo, também existem momentos em que precisamos deixar para trás aquilo que se tornou confortável demais. Crescer exige movimento. Amadurecer exige mudanças. E viver os propósitos de Deus, muitas vezes, exige coragem para avançar

sem conhecer todos os detalhes do caminho. José do Egito é um exemplo disso. Em diferentes momentos de sua história, ele poderia ter acreditado que havia finalmente encontrado um lugar para permanecer. Na casa de Potifar, por exemplo, tornou-se responsável por tudo o que seu senhor possuía. Talvez aquela posição já parecesse uma grande conquista para alguém que havia sido vendido como escravo. Mas a história não terminou ali. José ainda enfrentaria falsas acusações, prisão, espera e situações difíceis de compreender. No entanto, aquilo que parecia afastá-lo do propósito estava, na verdade, conduzindo-o até ele. Deus estava preparando José para uma responsabilidade muito maior: ocupar uma posição de governo no Egito e ser instrumento de preservação para muitas vidas. Por isso, o lugar onde você está hoje pode não ser o lugar onde Deus pretende que você permaneça amanhã. Por isso, precisamos tomar cuidado para não transformar uma estação em destino. Há coisas que Deus nos entrega por um tempo, porque cumprem uma função específica em nossa formação. Depois, chega o momento de avançar. Outro ponto importante que quero destacar é que o conforto, quando se transforma em acomodação, pode nos impedir de experimentar aquilo que está adiante. Podemos nos acostumar tanto com o conhecido que passamos a temer qualquer possibilidade de mudança. E, quando isso acontece, começamos a criar justificativas para permanecer exatamente onde estamos. Por isso, discernir o tempo de Deus

é tão importante. A Bíblia nos mostra que houve um tempo para Noé entrar na arca e também houve um tempo para sair dela. Permanecer na arca depois que Deus havia ordenado a saída já não seria obediência; seria resistência ao novo tempo. Da mesma maneira, existem momentos em que Deus nos chama para permanecer e outros em que Ele nos chama para avançar. Precisamos desenvolver sensibilidade espiritual para reconhecer cada um deles. Talvez, hoje, você esteja justamente vivendo um desses períodos. O ninho parece estar sendo agitado. Algumas coisas já não funcionam como antes. Há incômodos, mudanças e perguntas para as quais você ainda não encontrou respostas. Talvez Deus esteja fortalecendo suas asas. Assim, seja cuidadoso e entenda que quando chegar o tempo de avançar, não permita que o medo faça você permanecer em um lugar que Deus já está lhe ensinando a deixar. Confie naquele que cuidou de você enquanto as suas asas ainda eram frágeis. O mesmo Deus que guardou o ninho continuará presente durante o voo. Acredite: Deus estará com você. Deus te abençoe!

Foto Arquivo Pessoal



Pastor João Queiroz
Pastor Presidente da Igreja Batista Renascer

ENTREVISTA

PROFESSORA TAYNÁ PIRES

O PROFESSOR QUE A GENTE NUNCA ESQUECE

Por Marina Oliveira Lopes Coelho

Foto Arquivo Pessoal

Em uma profissão tão voltada para ensinar, o que os próprios alunos já ensinaram a você ao longo da sua trajetória como professora?

Meus alunos me ensinaram e continuam me ensinando muito. Com eles, aprendo sobre amor, paciência, empatia, resiliência e, principalmente, sobre a importância de olhar para cada pessoa de maneira única. Cada aluno carrega uma história, uma realidade, uma família, sonhos e desafios que nem sempre conseguimos enxergar imediatamente. Ao longo dessa caminhada, também compreendi que ensinar é uma via de mão dupla. Enquanto transmitimos conhecimentos, somos constantemente transformados pelas experiências que compartilhamos com nossos alunos. Eles me lembram diariamente de que também precisamos estar dispostos a aprender, rever conceitos e crescer.

Muitas vezes, uma palavra de incentivo ou um gesto de um professor pode influenciar escolhas e até mudar a maneira como um aluno enxerga a si mesmo. O professor tem consciência da dimensão dessa influência?

Nem sempre temos consciência da dimensão que uma palavra ou atitude nossa pode alcançar. Por isso, considero essa uma responsabilidade muito grande. Um professor pode fortalecer a autoestima de um aluno, despertar um talento, incentivar um sonho ou ajudá-lo a acreditar que é capaz. É justamente por compreender essa responsabilidade que procuro ter muito cuidado com aquilo que falo e com a maneira como trato cada estudante.

Leia a entrevista completa da Professora Tayná Regina Pires, acessando o site: revistarenascer.com

Há professores que passam pela a nossa formação e há aqueles que permanecem na memória mesmo muitos anos depois. Neste mês dedicado aos professores, conversamos com Tayná Regina Pires, pedagoga e neuropsicopedagoga clínica e institucional, sobre a influência que um educador pode exercer para além da sala de aula, os aprendizados que nascem dessa relação e aquilo que nenhuma tecnologia é capaz de substituir no processo de ensinar. Confira a entrevista na íntegra:

Todos nós parecemos guardar na memória algum professor que marcou nossa história. Na sua visão, o que faz um professor ser lembrado mesmo muitos anos depois de o aluno deixar a sala de aula?

Acredito que um professor nunca é lembrado apenas pelo conteúdo que ensinou, mas, principalmente, pela maneira como fez o aluno se sentir. O professor que marca uma vida é aquele que enxerga além das dificuldades, acredita no potencial do aluno e consegue transmitir conhecimento com humanidade. Muitas vezes, uma palavra de incentivo dita no momento certo permanece no coração por muitos anos. Como cristã, acredito que Deus usa pessoas para tocar outras vidas, e vejo o professor como alguém que pode ser instrumento de transformação, deixando sementes que, certamente, darão frutos.

QUANDO O MEDO ENCONTROU A FÉ

“E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus.” (Filipenses 4:7).

Existem notícias que dividem a nossa história em antes e depois. Em maio de 2024, vivi um desses momentos. Descobri que estava com um tumor medular, chamado hemangioma, e, ao ouvir dos médicos que se tratava de algo sério, grave e doloroso, senti como se o meu mundo tivesse desabado. O medo tomou conta dos meus pensamentos. Muitas perguntas surgiram e, por várias vezes, achei que não teria forças para continuar. Pensei em desistir umas dez vezes. Era difícil imaginar o futuro diante de tantas incertezas. Mas Deus foi maior do que o meu medo.

Foi assim que encontrei coragem para tomar uma das decisões mais difíceis daquela caminhada: fazer a cirurgia. A partir dali tudo se tornou ainda mais real. O médico me explicou que havia uma grande possibilidade de eu ficar paraplégica. Também fui informada de que poderia ser necessária uma transfusão de sangue durante o procedimento e de que talvez fossem colocados parafusos em minha coluna. Além disso, precisei me preparar emocionalmente para uma realidade completamente diferente. A cadeira de rodas, o andador e a muleta poderiam fazer parte da minha rotina até que eu conseguisse me adaptar a uma nova maneira de viver. Não era fácil ouvir tudo aquilo. Cada informação trazia um novo peso. Eu precisava enfrentar não apenas a cirurgia, mas também a possibilidade de acordar e perceber que minha vida nunca

mais seria como antes. Foi justamente nesse lugar de fragilidade que experimentei algo que jamais vou esquecer: a paz de Deus. O problema não havia desaparecido. O tumor continuava ali, a cirurgia ainda precisava acontecer e os riscos eram reais. Mesmo assim, havia dentro de mim uma paz que não combinava com o cenário ao redor. Hoje, entendo que era o cuidado de Deus me sustentando quando eu já não conseguia sustentar a mim mesma.

Então chegou o dia da cirurgia. Entrei naquele momento consciente de tudo o que poderia acontecer, mas também com a certeza de que Deus estaria comigo. Eu não sabia qual seria o resultado, porém sabia em quem estava confiando. E, para honra e glória do Senhor Jesus, tudo aconteceu muito melhor do que eu poderia imaginar diante das possibilidades apresentadas. Eu não fiquei paraplégica. Não precisei fazer transfusão de sangue. Não foi necessário colocar parafusos em minha coluna. Passei pela cadeira de rodas e pelo andador, mas por muito menos tempo do que esperávamos.

A recuperação também fez parte desse testemunho. Aos poucos, fui aprendendo a valorizar cada avanço. Depois de ouvir tantas possibilidades sobre como seria a minha vida dali para a frente, cada passo ganhou um significado diferente. Hoje, dois anos depois da cirurgia, quando olho para trás, não vejo apenas um período de medo e dor.

Vejo cuidado, livramento e misericórdia. Vejo as mãos de Deus em momentos que, na época, eu não conseguia compreender. Essa experiência me ensinou que a paz de Deus não significa ausência de tempestade. Muitas vezes, ela se revela justamente quando tudo ao nosso redor parece incerto. É a paz de quem não tem todas as respostas, mas sabe em quem pode confiar.

Conto essa história com gratidão. Não porque tenha sido fácil, mas porque foi em um dos momentos mais difíceis da minha vida que experimentei, de maneira ainda mais profunda, a presença de Deus. Se existe uma certeza que ficou marcada em meu coração, é esta: quando as nossas forças acabam, as mãos de Deus continuam firmes. Ele permanece presente, sustenta nossos passos e nos dá paz mesmo quando ainda não conseguimos enxergar o final da história.

Deus é perfeito!



Cleide Azevedo
Membro da Igreja Batista Renascer.

PORTAS ABERTAS NAS FRONTEIRAS: O SEGREDO DA MALA

O inverno ainda parecia morar nas paredes das construções de Varsóvia, Polônia, em 1955. Mesmo quando o frio dava uma trégua, havia no ar uma espécie de silêncio que não vinha apenas do clima. A guerra terminara havia alguns anos, mas suas marcas continuavam espalhadas pelas ruas, nos prédios reconstruídos às pressas e, sobretudo, no rosto das pessoas. Naqueles dias, um congresso mundial reunia milhares de jovens de diferentes países. Havia discursos, cânticos, conversas e bandeiras. Ele havia chegado àquele país com uma mala. Ela tinha o tamanho das malas comuns, o couro já um pouco gasto e, por fora, não trazia nenhuma inscrição que pudesse chamar a atenção de alguém. Podia conter roupas, sapatos, talvez alguns presentes. Coisas de viajante, mas carregava (e escondia) um tesouro.

Do lado de fora daquele salão de reuniões do congresso havia uma cidade que aprendera a falar baixo. Havia portas que se fechavam depressa e homens que observavam mais do que diziam. Havia uma fronteira invisível, uma cortina, atravessando toda a Europa e separando pessoas que tinham a mesma fé, mas não a mesma liberdade para professá-la.

Entre aquela multidão, ele sabia que existia uma comunidade escondida, silenciosa, além das ideologias. Uma igreja que sobrevivia sem liberdade, sem púlpitos seguros e, muitas vezes, sem aquilo que para ele parecia tão simples: uma Bíblia. Foi então que surgiu a oportunidade. Ele preparou a mala com literatura cristã e várias Bíblias, material este que, naquele lugar e naquelas circunstâncias, podiam significar muito mais do que papel e tinta. Podiam significar risco e ele tinha consciência disto. Enquanto fechava a mala ainda no quarto, imaginou as perguntas que

poderiam fazer durante o trajeto. O que havia ali? Para quem eram aqueles livros? Por que estava carregando aquilo? E se alguém resolvesse verificar o seu conteúdo? Inevitável não ficar tenso e preocupado.

Não entanto, ele caminhou pelos corredores tentando parecer natural. Conversava quando precisava, sorria quando alguém o cumprimentava, mas seus olhos procuravam discretamente os homens que poderiam estar observando. Cada passo parecia uma pequena decisão. Cada porta aberta, uma possibilidade de ser descoberto. Havia medo, mas a coragem prevalecia. Quando finalmente chegou ao local previamente estudado e sabendo que alguém o esperaria para receber a mala em silêncio, o seu coração bateu mais depressa. Por um instante, teve a sensação de que todos podiam ouvir aquelas batidas. Mas, pela enésima vez, pensou nas pessoas que receberiam aquelas páginas. Pessoas que provavelmente as leriam escondidas, à luz fraca de uma vela, atrás de portas trancadas e porões, que precisavam esconder a própria fé para continuar vivendo.

Num gesto simples ele entregou a mala. O tesouro havia atravessado uma fronteira. Não houve música, fotografia ou anúncio. Apenas uma mala passando e saindo seguramente de suas mãos, como se fosse um segredo. O medo ainda estava ali, mas agora vinha acompanhado de uma alegria difícil de explicar. Não eram apenas livros contrabandeados, era vida, esperança.

A Cortina de Ferro podia separar países, vigiar pessoas e impedir livros de atravessarem fronteiras. Mas não conseguiria impedir que uma Bíblia chegasse a alguém que precisava desesperadamente dela, que compartilharia e trocava suas páginas, até que todos que se reuniam em segredo pudessem aprender e ouvir de Deus.

O que ele jamais imaginava é que

aquele gesto, de contrabandear uma literatura banida e tão rara por aquelas bandas viesse, anos depois, a ser o marco inicial de uma missão internacionalmente conhecida e admirada, trabalhando em mais de 70 países para fortalecer a Igreja Perseguida, apoiando cristãos locais em lugares hostis, para que continuem espalhando o Evangelho ao seu redor.

Depois disto, até ascender aos lugares celestiais, estima-se que ele tenha visitado 125 países e percorrido mais de um milhão de milhas para compartilhar o Evangelho e fortalecer seus irmãos na fé. A cada vez que o gesto se repetia, em lugares remotos e correndo todos os riscos, ele voltava pra casa de mãos vazias, mas com o coração cheio de entusiasmo por continuar fazendo aquilo, dado o impacto que seu gesto sempre promovia na vida das pessoas refugiadas e anônimas.

Hoje não há barreiras diante de nós. Não precisamos esconder Bíblias, atravessar fronteiras às escondidas ou arriscar a própria liberdade para entregarmos um folheto que seja. Nosso maior obstáculo não está do lado de fora, mas dentro de nós, ocupados que estamos carregando as nossas próprias malas de preocupações, planos e necessidades, muitas vezes alheios às demandas das almas que clamam ao nosso redor.

Resta-nos pensar no que estamos fazendo com a liberdade que um dia tantos outros sonharam ter ou tantos que deram a vida para que outros a tivessem!

Inspiração na vida de Van der Bijl, missionário holandês conhecido como Irmão André, o contrabandista de Deus.



Por Anibal Filho
Pastor na Igreja Batista Renascer

CER
Centro Recreativo da Criança e da Família

Atendimento •
psicólogo
com preço social!

Interessados, preencher as fichas de inscrição na recepção ou no site
BATISTARENASCR.COM

ISSO AINDA NÃO EXISTE.

Na Zaiion, sua ideia ganha forma.

Talvez porque você ainda não contou a ideia para a gente.

IDEIAS

LIVROS | SITES | PODCASTS | VÍDEOS | SISTEMAS

zaion!
AGÊNCIA

PRINT